

ATAS DAS **COORDENAÇÃO** ANA DANIEL, JOÃO JOSÉ
PINTO FERREIRA, MIGUEL TORRES PRETO,
PAULO AFONSO, RUI QUARESMA

I JORNADAS **ENSINO**

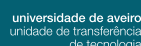
DO **EMPREENDE-**

DORISMO INSTITUTO
PEDRO NUNES

EM PORTUGAL

8 DE ABRIL DE 2015 — COIMBRA

EDIÇÃO INSTITUTO PEDRO NUNES



TÍTULO

Atas das I Jornadas Ensino do Empreendedorismo em Portugal

EDIÇÃO

Instituto Pedro Nunes

COORDENAÇÃO

Ana Daniel, Joao José Pinto Ferreira, Miguel Torres Preto, Paulo Afonso, Rui Quaresma

DESIGN CAPA

FBA. – Ferrand, Bicker & Associados

ISBN

978-989-97004-1-3

abril 2015

Comissão Científica

Ana Daniel, DEGEI – Universidade de Aveiro

João José Pinto Ferreira, FEUP-DEGE Universidade do Porto / INESC TEC - CITE

Miguel Torres Preto, FEUC - Universidade de Coimbra

Paulo Afonso, EEUM - Universidade do Minho

Rui Quaresma, ECS - Universidade de Évora / CEFAGE-UÉ

Comissão Organizadora

Carlos Cerqueira, Instituto Pedro Nunes

Cláudia Belchiorinho, Universidade de Évora

Marta Catarino, TecMinho

Maria Oliveira, UPIN – Universidade do Porto

José Paulo Rainho, UATEC – Universidade de Aveiro

Jorge Figueira, DITS – Universidade de Coimbra

A intenção empreendedora dos estudantes: uma análise aos seus antecedentes

Sandra Oliveira¹, Susana Leal²

- 1) Instituto Politécnico de Santarém – Escola Superior de Gestão e Tecnologia, Portugal
sandra.oliveira@esg.ipsantarem.pt

- 2) Instituto Politécnico de Santarém – Escola Superior de Gestão e Tecnologia e Centro de Investigação em Qualidade de Vida, Portugal
susana.leal@esg.ipsantarem.pt

Resumo

Objetivo. Este trabalho testa empiricamente como a atitude pessoal face ao empreendedorismo, a norma subjetiva referente às perceções atinentes à adoção de comportamentos empreendedores e o comportamento de controlo percebido explicam a Intenção Empreendedora (IE, Liñán & Chen, 2009) dos estudantes do ensino superior da área da Gestão. Testa, igualmente, o efeito moderador do Locus de Controlo para o Empreendedorismo (LCE) nesta relação.

Metodologia. A amostra abarca 62 estudantes de uma instituição de ensino superior portuguesa da área da Gestão. Os dados das variáveis independentes foram obtidos num primeiro momento e os das variáveis moderadora e dependente seis meses depois. Os instrumentos de medida foram adaptados de Liñán e Chen (2009) e de Schjoedt e Shaver (2012). Os dados foram submetidos a uma análise fatorial exploratória. Analisou-se a consistência interna das escalas e prosseguiu-se com análises de médias, correlações e regressões lineares hierárquicas.

Resultados. Os dados sugerem o seguinte: (a) a IE dos estudantes é positivamente influenciada pela sua atitude pessoal face ao empreendedorismo; (b) o LCE modera a relação entre o comportamento de controlo percebido e a IE. Ao contrário do esperado, a existência de negócios na família e a formação em empreendedorismo não exercem influência direta significativa na IE dos estudantes.

Contributo. Os resultados deste estudo podem ser utilizados para melhor definir as competências a desenvolver nos estudantes do ensino superior de modo a potenciar as suas Intenções Empreendedoras. Adicionalmente, o estudo ajuda a compreender porque a relação entre as variáveis não é sempre a mesma: estudantes com perfis distintos podem atuar de forma diversa.

Palavras chave: empreendedorismo, intenção empreendedora, estudantes, antecedentes, locus de controlo para o empreendedorismo.

1 Introdução

A criação de novas empresas é hoje aceite como um motor do crescimento económico via criação de emprego, o que fundamenta a atenção que o fenómeno do empreendedorismo tem despertado junto de político, de investigadores e dos agentes económicos em geral. Fazendo uso de um

conceito mais lato, o empreendedorismo é um *player* fundamental em termos de desenvolvimento económico, via catalisador da inovação, impondo mudanças estruturais na economia e potenciando a competitividade (Schumpeter, 1934).

Devido aos desequilíbrios macroeconómicos do nosso país muita atenção se tem dedicado ao fenómeno do empreendedorismo em Portugal, em especial na última década.. Importa relembrar que o país, desde o ano de 2008, apresenta tendencialmente taxas de crescimento a preços constantes (ano base, 2011) negativas, sendo a previsão para 2013 de -1,36% (Pordata, 2014a) e enfrenta uma das mais elevadas taxas de desemprego de sempre 16,2% (2013) (Pordata, 2014c).

Por outro lado, não se pode ignorar a existência de uma nova dinâmica, nomeadamente o facto de os jovens terem três vezes mais probabilidades de enfrentarem o desemprego do que os adultos (International Labour Office, 2013). O exposto acima remete-nos para um desempenho da economia portuguesa, onde o melhor que podemos esperar é um lento retomar do crescimento económico, tornando pouco provável a criação de postos de trabalho suficientes para o combate a uma taxa de desemprego, que nos jovens é ainda mais penalizadora: 38,1% (idade inferior a 25 anos, 2013) (Pordata, 2014b). Uma alternativa poderá ser uma política deliberada de incentivo ao empreendedorismo jovem que permita a entrada no mercado de trabalho mas também a criação de emprego. Esta não é uma alternativa simples em Portugal na medida em que o nosso país apresenta uma particularmente baixa taxa de potenciais jovens empreendedores (12,1%, Youth Business International, 2013). Esta baixa taxa do potencial empreendedorismo jovem deve-se, em grande medida: (a) à baixa perceção de oportunidades, e (b) ao medo de falhar no processo de criação de uma empresa (reportado por mais de metade dos jovens inquiridos em Portugal) (Youth Business International, 2013).

O estudo do empreendedorismo, apesar de profícuo, tem descurado os estudos que consideram os jovens adultos. Geldhof et al. (2014) reportam estudos que demonstram interesse em investigar as capacidades e as características dos indivíduos que ditam o sucesso dos empreendedores. Esta pesquisa concorre com contributos nestas duas áreas e contribui para a investigação na medida em que tenta identificar os fatores que influenciam a Intenção Empreendedora (IE) de um grupo de estudantes do ensino superior em Portugal. Entende-se IE como o esforço que uma pessoa faz ou vai fazer para adotar comportamentos empreendedores ou para se tornar empreendedor (Liñán & Chen, 2009).

Nesta investigação, considerando o quadro conceptual da Teoria do Comportamento Planeado (TCP) (Ajzen, 1991, 2011), integra-se duas linhas de investigação: (a) a encetada por Liñán e Chen (2009) que considera a atitude pessoal, a norma subjetiva e o comportamento de controlo percebido como antecedentes da IE e (b) a levada a cabo por Schjoedt e Shaver (2012) que

desenvolveram uma escala de locus de controlo específica para o empreendedorismo.

Consequentemente, os objetivos específicos desta investigação são: (a) estudar a atitude pessoal, a norma subjetiva e o comportamento de controlo percebido enquanto antecedentes da IE; (b) compreender em que medida esta relação é moderada pelo Locus de Controlo para o Empreendedorismo (LCE) dos indivíduos. Que se tenha conhecimento, nenhum estudo considera o LCE enquanto moderador na relação entre as variáveis antecedentes estudadas e a IE conferindo, dessa forma, originalidade ao trabalho realizado.

Os dados foram recolhidos através de um inquérito por questionário que foi aplicado a um grupo de estudantes universitários, em dois momentos distintos. Os instrumentos de medida foram adaptados de Liñán e Chen (2009) e de Schjoedt e Shaver (2012). Os dados foram submetidos a uma análise fatorial exploratória. Analisou-se a consistência interna das escalas e prosseguiu-se com análises de médias, correlações e regressões lineares hierárquicas.

O artigo está organizado da seguinte forma. Primeiro, faz-se o enquadramento teórico, apresentam-se as hipóteses do estudo e o modelo conceptual. Segundo, apresenta-se a metodologia seguida. Terceiro, evolui-se para a análise e discussão dos resultados. Por último, apresentam-se as principais conclusões, bem como algumas das limitações do estudo.

2 Enquadramento teórico e hipóteses

São diversos os antecedentes da IE estudados na literatura: os traços de personalidade (Bernhofer & Han, 2014; Brandstätter, 2011; Dinis, Paço, Ferreira, Raposo & Rodrigues, 2013; Leutner, Ahmetoglu, Akhtar & Chamorro-Premuzic, 2014), o desemprego (Virick, Basu & Rogers, 2015), o género (Geldhof et al., 2014), a formação em empreendedorismo (Bae, Qian, Miao & Fiet, 2014; Fayolle & Gailly, 2015), a existência de negócios na família (Ahmed et al., 2010), o apoio social percebido (Abebe, Gangadharan & Sutanonpaiboon, 2014), o *status* social percebido (Abebe et al., 2014), a propensão para a inovação (Hormiga, Hancock & Valls-Pasola, 2013), as necessidades de realização (Ferreira, Raposo, Rodrigues, Dinis & Paço, 2012), a atitude pessoal positiva (Ferreira et al., 2012), a autoconfiança (Ferreira et al., 2012), o acesso ao capital, a atitude pessoal face ao empreendedorismo (Liñán & Chen, 2009; Yurtkoru, Kuşcu & Doğanay, 2014), a norma subjetiva (Liñán & Chen, 2009; Yurtkoru et al., 2014) e o comportamento de controlo percebido (Liñán & Chen, 2009; Podsakoff, MacKenzie & Podsakoff, 2003), entre outros.

Neste estudo, com base na TCP (Ajzen, 1991, 2011), investiga-se a influência que a atitude pessoal, a norma subjetiva e o comportamento de controlo percebido exercem na IE, bem como em que medida esta relação é moderada pelo LCE dos indivíduos.

A TCP (Ajzen, 1991, 2011) é uma das teorias mais frequentemente utilizada para explicar as

intenções empreendedoras (Schlaegel & Koenig, 2014), tendo sido utilizada neste contexto pela primeira vez por Krueger e Carsrud (1993). A mesma reflete a consciência que um indivíduo tem do resultado de um comportamento e o quanto um indivíduo faz uma avaliação favorável ou desfavorável do seu desempenho (Ajzen, 1991). Esta teoria é relevante dado que as intenções podem prever futuros comportamentos empreendedores (e.g., Liñán & Chen, 2009).

A atitude pessoal face ao empreendedorismo mede o quanto um indivíduo faz uma avaliação pessoal positiva ou negativa relativamente a ser empreendedor (Liñán & Chen, 2009). Este constructo inclui não só uma dimensão afetiva (“Eu gosto disto”, “É atrativo”) como considerações valorativas (“Traz vantagens”) (Liñán & Chen, 2009). É provável que os indivíduos com uma atitude pessoal face ao empreendedorismo mais favorável apresentem igualmente maiores níveis de IE.

A norma subjetiva mede a perceção social para adotar (ou não) comportamentos empreendedores (Liñán & Chen, 2009). As normas e valores da família, dos amigos e das pessoas consideradas importantes para uma dada pessoa, bem como a pressão social que estes exercem para que esta adote determinado comportamento, influenciam diretamente o referido comportamento (Ajzen, 1991; Schlaegel & Koenig, 2014). Assim, é provável que quando um indivíduo sinta apoio da família, dos amigos e dos colegas quanto ao desejo de criar a sua própria empresa, apresente igualmente maiores níveis de IE.

O comportamento de controlo percebido corresponde à perceção de facilidade ou dificuldade de alguém se tornar empreendedor (Liñán & Chen, 2009). Ou seja, corresponde à crença de um indivíduo sobre o ser capaz de executar o comportamento planeado e a perceção de que esse comportamento está dentro do seu controlo (Ajzen, 1991; Schlaegel & Koenig, 2014). Este constructo apresenta similitudes com a autoeficácia de Bandura (1997). Consequentemente, quando um indivíduo percebe que tem capacidades para se tornar empreendedor e que consegue controlar as etapas até o conseguir (e.g., elaborar um plano de negócios, obter fundos, criar a empresa, etc.) é provável que desenvolva maiores níveis de IE.

Daí que se proponha:

H1: A atitude pessoal influencia de forma positiva a Intenção Empreendedora dos estudantes.

H2: A norma subjetiva influencia de forma positiva a Intenção Empreendedora dos estudantes.

H3: O comportamento de controlo percebido influencia de forma positiva a Intenção Empreendedora dos estudantes.

Pesquisa passada revelou que os indivíduos empreendedores tendem a possuir um locus de controlo interno (Dinis et al., 2013; Schjoedt & Shaver, 2012). O locus de controlo é um traço de

personalidade e corresponde ao quanto uma pessoa acredita que os acontecimentos que vivencia são por ela controláveis ou não (Rotter, 1954). Ahmed et al. (2010, 2012) defendem que o locus de controlo pode influenciar a IE. Ahmed et al. (2012) propuseram, ainda, que o locus de controlo pode moderar a relação entre fatores externos (i.e., apoio estrutural, apoio social e apoio económico) e a inclinação empreendedora. De modo semelhante, propõe-se que o locus de controlo pode moderar a relação entre os antecedentes estudados e a IE. Schjoedt e Shaver (2012) propõem que quando a intenção é relacionar o locus de controlo com a IE, ou outras variáveis na área do empreendedorismo, em vez da escala habitual de locus de controlo, dever-se-á considerar uma escala de locus de controlo específica para o empreendedorismo, designada de LCE. Daí que se proponha:

H4a: O locus de controlo para o empreendedorismo modera a relação entre a atitude pessoal e a Intenção Empreendedora dos estudantes.

H4b: O locus de controlo para o empreendedorismo modera a relação entre a norma subjetiva e a Intenção Empreendedora dos estudantes.

H4c: O locus de controlo para o empreendedorismo modera a relação entre o comportamento de controlo percebido e a Intenção Empreendedora dos estudantes.

A idade, o género, a experiência de autoemprego, a experiência profissional, a existência de negócios na família e possuir ou não formação em empreendedorismo de pelo menos um semestre foram consideradas no estudo enquanto variáveis de controlo.

Considerou-se a idade porque alguma pesquisa sugere que os estudantes universitários com idades entre os 25 e 34 anos têm maior propensão para criar a sua própria empresa (Reynolds, Bygrave, Autio & Hay, 2002). A literatura também sugere que o género influencia a IE (Hatak, Harms & Fink, 2015; Karimi, Biemans, Lans, Chizari & Mulder, 2014). A experiência profissional e a existência de negócios na família podem aumentar o grau de conhecimento do estudante e consequentemente a sua consciência relativamente ao empreendedorismo como opção de carreira (Liñán, 2004; Liñán & Chen, 2009). Por outro lado, os familiares podem atuar como modelos de comportamento (Karimi et al., 2014; Matthews & Moser, 1995) cuja conduta os estudantes podem ter desejo de imitar (Carr & Sequeira, 2007). A influência da formação em empreendedorismo na IE tem sido largamente investigada (Bae et al., 2014; Fayolle & Gailly, 2015), sendo igualmente importante controlar o seu efeito neste estudo.

Na figura 1 apresenta-se o modelo conceptual do estudo, incluindo as variáveis antecedentes, a variável dependente, a variável moderadora e as variáveis de controlo.

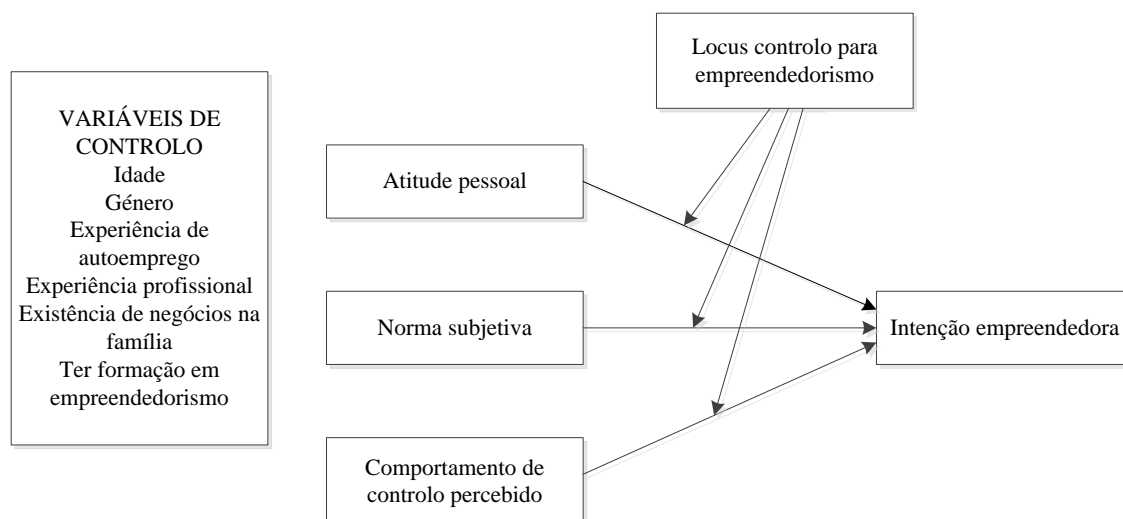


Figura 1: Modelo conceitual em estudo

São diversos os estudos que investigam igualmente estes antecedentes (e.g., Ahmed et al., 2010; Liñán & Chen, 2009; Yurtkoru et al., 2014). Porém, apresentam deficiências que se procuram, agora, ultrapassar. A exemplo os dados recolhidos num único momento podendo daí advir problemas atinentes à variância do método comum (e.g., Liñán & Chen, 2009; Yurtkoru et al., 2014). São escassos os estudos que consideram os estudantes portugueses como unidade de análise (algumas exceções devem-se a Dinis et al., 2013; Ferreira et al., 2012; Mortan, Ripoll, Carvalho & Bernal, 2014; Santos, Caetano & Curral, 2010; e apenas o estudo de Ferreira et al. é mencionado na meta-análise de Schlaegel & Koenig, 2014). Adicionalmente, nem sempre as metodologias estatísticas aplicadas são adequadas para investigar os antecedentes da IE (e.g., uso exclusivo de análise de correlações, Ahmed et al., 2010).

Em suma, o modelo que se apresenta explora as inconsistências de outros estudos. A base desta investigação é também a TCP (Ajzen, 1991, 2011), mas que usa de forma inovadora a variável LCE (Schjoedt & Shaver, 2012) como variável moderadora na relação entre os antecedentes e a IE. Adicionalmente, alargou-se as variáveis de capital humano controladas, com a especificidade de se considerar a formação em empreendedorismo que tivesse pelo menos a duração de um semestre. Tal decisão advém de se acreditar que as aulas distribuídas possam potenciar a capacidade de aprendizagem dos alunos (Bae et al., 2014).

3 Método

3.1 Amostra e procedimentos

Foi inquirida uma amostra de 62 estudantes de uma instituição de ensino superior portuguesa em

dois momentos: no início do ano letivo e seis meses depois. Durante este intervalo de tempo parte da amostra (71%) realizou um semestre de formação em Empreendedorismo. Todos os estudantes que participaram na recolha de dados no primeiro momento e não o fizeram no segundo (e vice-versa) não foram considerados na amostra.

Dos 62 estudantes, 67,7% são mulheres, 71% frequentam o curso de licenciatura em Gestão de Empresas e 40,3% são trabalhadores estudantes (Tabela 1). A idade média cifra-se nos 26,16 anos (DP: 8,49). Apenas 4,8% já possuiu ou possui um negócio próprio, enquanto 77,4% possui familiares ou amigos próximos que criaram o seu próprio negócio.

	N	%
Género		
Feminino	42	67,7%
Masculino	20	32,3%
Curso frequentado		
Lic. Gestão de Empresas	44	71,0%
Lic. Contabilidade e Fiscalidade	18	29,0%
Situação na escola		
Apenas estudante	37	59,7%
Trabalhador estudante	25	40,3%
Formação em empreendedorismo		
Não	18	29%
Sim	44	71%
Já possuiu ou possui atualmente um negócio próprio?		
Não	59	95,2%
Sim	3	4,8%
Na família ou no círculo de amigos existem elementos que criaram o seu próprio negócio?		
Não	14	22,6%
Sim	48	77,4%

Tabela 1: Caracterização da amostra

3.2 Instrumentos de medida

Os estudantes foram convidados a descrever a sua atitude pessoal face ao empreendedorismo com cinco itens (exemplo de item: “A carreira de empreendedor é atrativa para mim”), o comportamento de controlo percebido com seis itens (exemplo: “Criar uma empresa e mantê-la em funcionamento seria fácil para mim”), a IE através de seis itens (exemplo: “O meu objetivo profissional é tornar-me empreendedor”, ver restantes itens na Tabela 2), todos retirados de Liñán e Chen (2009). Foi-lhes facultada uma escala de concordância de sete pontos (1: discordo fortemente; 7: concordo fortemente) para assinalarem a resposta.

A norma subjetiva foi medida através de três questões retiradas de Liñán e Chen (2009). Exemplo

de questão: “Se decidir criar a sua empresa a sua família próxima aprovaria essa decisão?”. Os estudantes foram convidados a assinalar numa escala de sete pontos o quanto os familiares, amigos e colegas aprovariam a decisão (1: total desaprovação; 7: total aprovação).

O LCE foi medido através dos três itens propostos por Schjoedt e Shaver (2012). Foi-lhes disponibilizada a escala de concordância, anteriormente mencionada, para a resposta (exemplo de item: “Quando consigo o que quero é, geralmente, porque trabalho arduamente para isso”).

3.3 Variância do método comum

Para reduzir eventuais problemas atinentes à variância do método comum (Podsakoff et al., 2003), os dados das variáveis independentes e das variáveis dependente e moderadoras foram obtidos em momentos distintos.

As variáveis independentes (atitude pessoal face ao empreendedorismo, comportamento de controlo percebido, norma subjetiva) foram obtidas aquando da primeira recolha de dados (no início do ano letivo), a variável dependente (IE) e a variável moderadora (LCE) seis meses depois.

Os dados dos alunos quanto à idade, ao género, à experiência profissional, à experiência de autoemprego, à existência de negócios na família e à existência de formação em empreendedorismo foram considerados os obtidos no segundo momento de recolha de dados.

3.4 Propriedades psicométricas das escalas

As cinco escalas acima mencionadas foram submetidas a uma análise fatorial exploratória (método das componentes principais) com rotação Varimax. Porque um dos itens da escala de atitude pessoal face ao empreendedorismo (#1) apresentava um peso fatorial baixo optou-se por remove-lo. A solução obtida mostra-se adequada (KMO: 0,835; Teste de esfericidade de Bartlett χ^2 : 1259, gl: 231, $p < 0,001$). Os cinco fatores retidos correspondem às escalas testadas e explicam 76,9% da variância original dos dados (Tabela 2).

Os resultados sugerem, ainda, que as escalas apresentam consistência interna (alphas de Cronbach superiores a 0,70).

	IE	Comport. controle	Atitude pessoal	Norma subjetiva	LCE
A carreira de empreendedor é atrativa para mim	0,44	0,20	0,73	0,22	0,04
Se tiver oportunidade e recursos, gostaria de criar a minha própria empresa	0,35	0,20	0,52	0,44	0,07
Ser empreendedor trar-me-ia muita satisfação	0,32	0,03	0,80	0,11	0,21
Perante várias opções, eu preferiria ser empreendedor	0,33	0,41	0,59	0,10	0,03
Criar uma empresa e mantê-la em funcionamento seria fácil para mim	0,51	0,67	0,07	0,24	0,01
Sinto-me preparado/a para criar uma empresa viável	0,44	0,74	0,03	0,13	0,32
Eu consigo controlar o processo de criação de uma nova empresa	0,08	0,67	0,17	-0,11	0,51
Tenho conhecimento dos detalhes práticos necessários para criar uma empresa	-0,08	0,63	0,20	-0,06	0,54
Sei como desenvolver um projeto empreendedor/ plano de negócios	0,32	0,67	0,41	0,02	0,19
Se criar uma empresa, teria uma elevada probabilidade de ser bem-sucedido	0,34	0,76	0,09	0,20	-0,02
Se decidir criar a sua empresa a sua família próxima aprovaria essa decisão	0,24	0,24	-0,01	0,79	0,03
Se decidir criar a sua empresa os seus amigos aprovariam essa decisão	0,06	0,01	0,18	0,91	0,19
Se decidir criar a sua empresa os seus colegas aprovariam essa decisão	0,05	-0,02	0,14	0,75	0,09
Sinto-me apto/a a fazer tudo o que for necessário para ser empreendedor	0,82	0,18	0,12	0,13	0,22
O meu objetivo profissional é tornar-me empreendedor	0,86	0,22	0,26	0,05	0,05
Farei tudo o que for necessário para criar e gerir a minha própria empresa	0,85	0,30	0,24	0,10	0,07
Estou determinado/a a criar a minha empresa no futuro	0,81	0,21	0,31	0,12	0,23
Penso, seriamente, em criar a minha própria empresa	0,82	0,16	0,33	0,13	0,24
Tenho a firme intenção de criar uma empresa algum dia	0,76	0,22	0,36	0,16	0,23
Quando faço planos estou certo que consigo que funcionem.	0,49	0,24	0,11	0,13	0,65
Quando consigo o que quero é, geralmente, porque trabalho arduamente para isso	0,12	0,06	0,20	0,15	0,81
Consigo fazer tudo o que me proponho fazer	0,31	0,21	-0,09	0,21	0,64
Percentagem de variância explicada	26%	16%	12%	12%	11%
Alpha de Cronbach	0,964	0,891	0,853	0,795	0,791

Tabela 2: Análise fatorial exploratória

4 Resultados: análise e discussão

Na Tabela 3 apresentam-se as médias, os desvios-padrão e as correlações entre as variáveis. Observa-se que existe uma correlação positiva entre a idade e o género masculino, bem como entre a idade e o exercer ou já ter exercido alguma atividade profissional sugerindo: (a) em média, os homens têm mais idade do que as mulheres; (b) as pessoas com mais idade têm mais

experiência profissional. O possuir experiência profissional está positivamente associado à existência de negócios na família ou no círculo de amigos, ao comportamento de controlo, ao LCE e à IE. A experiência de autoemprego está positivamente associada ao comportamento de controlo e ao LCE. A existência de negócios na família ou no círculo de amigos está positivamente associado à atitude pessoal face ao empreendedorismo, ao comportamento de controlo e ao LCE. O possuir formação em empreendedorismo está positivamente associado à atitude pessoal face ao empreendedorismo. As restantes variáveis independentes, moderadoras e dependentes do modelo (atitude pessoal, comportamento de controlo, norma subjetiva, LCE e IE) estão todas positiva e significativamente relacionadas. As correlações não são muito elevadas, sugerindo que as variáveis não apresentam multicolinearidade.

	M	dp	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1. Idade (anos)	26,2	8,5	-									
2. Género ^a	0,32	0,5	0,26 *	-								
3. Experiência profissional ^b	0,63	0,5	0,42 **	0,03	-							
4. Experiência de autoemprego ^c	0,05	0,2	0,13	0,17	0,17	-						
5. Existir negócios família ^d	0,77	0,4	0,07	-0,04	0,30 *	0,12	-					
6. Formação em empreendedoris. ^e	0,71	0,7	0,09	-0,02	0,17	0,14	0,08	-				
7. Atitude pessoal	5,35	1,0	-0,08	-0,03	0,12	0,22	0,29 *	0,26 *				
8. C. controlo percebido	4,13	1,1	0,09	-0,00	0,30 *	0,27 *	0,33 **	0,23	0,56 **			
9. Norma subjetiva	5,77	1,1	-0,22	-0,09	0,16	0,10	0,07	0,25	0,41 **	0,28 *		
10. LCE	5,52	0,8	0,20	-0,13	0,34 **	0,25 *	0,34 **	0,09	0,47 **	0,58 **	0,33 **	
11. IE	4,43	1,4	-0,09	0,04	0,29 *	0,18	0,21	0,19	0,70 **	0,63 **	0,35 **	0,54 **

Notas. * valor $p < 0,05$; ** valor $p < 0,01$. M: média; dp: desvio-padrão. ^a 0: feminino, 1: masculino; ^b 0: Nunca exerceu uma atividade profissional; 1: Exerce ou já exerceu alguma atividade profissional; ^c 0: Não possuiu nem possui negócio próprio; 1: possui ou já possuiu um negócio próprio; ^d 0: Na família ou no círculo de amigos não existem elementos que criaram o seu próprio negócio; 1: Na família ou no círculo de amigos existem elementos que criaram o seu próprio negócio; ^e 0: Não fez formação em empreendedorismo; 1: Fez formação em empreendedorismo.

Tabela 3: Médias, desvios-padrão, correlações e Alphas de Cronbach

Continuou-se a análise recorrendo ao método da regressão linear hierárquica, abarcando quatro modelos. No primeiro modelo analisa-se o impacto das variáveis de controlo na IE. No segundo modelo adicionam-se as variáveis independentes: atitude pessoal, comportamento de controlo

percebido e norma subjetiva. No terceiro modelo acrescenta-se o efeito da variável moderadora (LCE). No quarto modelo adiciona-se os efeitos de interação: (a) atitude pessoal vs. LCE; (b) norma subjetiva vs. LCE; (c) comportamento de controlo vs. LCE. Os testes de adequabilidade do modelo validam esta estratégia na medida em que o R^2 ajustado aumenta com a introdução dos sucessivos blocos de variáveis assumindo um muito razoável valor de 0,667 no quarto modelo (i.e., as variáveis incluídas no modelo explicam, 66,7% da variância da IE).

	Modelo 1	Modelo 2	Modelo 3	Modelo 4
Variáveis de controlo				
Idade	-0,286*	-0,202	-0,262*	-0,197*
Género	0,088	0,097	0,142	0,179*
Experiência profissional	0,330*	0,254*	0,241*	0,181
Experiência de autoemprego	0,109	-0,046	-0,069	-0,120
Existir negócios na família	0,106	-0,110	-0,139	-0,132
Formação em empreendedorismo	0,133	-0,029	0,006	0,010
Variáveis independentes				
Atitude pessoal ^a		0,527**	0,485**	0,548**
Comportamento de controlo percebido ^a		0,336**	0,248*	0,205
Norma subjetiva ^a		-0,020	-0,069	0,014
Variável moderadora				
Locus de controlo para empreendedorismo ^a			0,246*	0,391**
Efeito de interação				
Atitude pessoal ^a X Locus controlo ^a				0,594
Comportamento de controlo percebido ^a X Locus controlo ^a				-0,605*
Norma subjetiva ^a X Locus controlo ^a				0,280
R²	0,189	0,630	0,661	0,738
R² Ajustado	0,100	0,566	0,594	0,667
R² Change	0,189	0,442**	0,03*	0,078**
F	2,134	9,851**	9,928**	19,410**

Notas. * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$. ^a Variáveis centradas.

Tabela 4: Resultados da regressão linear hierárquica (coeficientes beta estandardizados)

As variáveis de controlo explicam 18,9% da variância única da IE, porém o modelo de regressão não é significativo ($F=2,134$; n.s.) (modelo 1). Tal pode advir de apenas duas das variáveis de controlo emergirem como significativas (idade e experiência profissional). A atitude pessoal, o comportamento de controlo percebido e a norma subjetiva explicam 44,2% da variância única da IE embora apenas as duas primeiras surjam com efeito significativo (modelo 2). Por sua vez, o LCE influencia de forma significativa a IE ainda que contribua apenas para explicar 3% da variância única da variável dependente (modelo 3). O efeito moderador do LCE explica 7,8% da variância única da IE embora a variável moderadora apenas exerça efeito significativo no

comportamento de controlo percebido (modelo 4). A adequabilidade dos modelos foi testada usando o teste F que apresenta significância estatística para os modelos dois, três e quatro. O *focus* da nossa análise será, agora, direcionado para o quarto modelo que nos permite testar as hipóteses apresentadas na secção 2.

Das variáveis de controlo presentes no modelo 4, apenas emergiram como significativas a idade (os indivíduos mais novos apresentam maior IE) e o género (os homens apresentam um maior nível de IE). Estes resultados vão ao encontro da literatura (Hatak et al., 2015; Karimi et al., 2014; Liñán & Chen, 2009; Reynolds et al., 2002). Nenhuma das restantes variáveis de controlo apresenta significância estatística. O facto da formação em empreendedorismo não explicar a IE surpreende pese embora na literatura se encontre resultados semelhantes (e.g., Ahmed et al., 2010; Yurtkoru et al., 2014). Apesar deste resultado, considera-se que as instituições de ensino podem ter um papel fundamental na promoção da IE, na medida em que o ambiente e a dinâmica destas instituições contribuem para que os estudantes sintam que têm mais controlo sobre a decisão de se tornar empreendedores (Yurtkoru et al., 2014). Por outro lado, a dimensão da amostra pode justificar o reduzido número de variáveis de controlo significativas (Liñán & Chen, 2009).

Do grupo das variáveis independentes, apenas a atitude pessoal apresenta significância estatística, assim como uma relação positiva com a IE. Os estudantes evidenciam uma avaliação pessoal positiva para se tornarem empreendedores. Assume-se, assim, a validação da primeira hipótese deste estudo. Esta evidência vai ao encontro dos resultados disponíveis na literatura (Liñán & Chen, 2009; Yurtkoru et al., 2014).

Não é possível validar a segunda e terceira hipóteses na medida que nem a norma subjetiva nem o comportamento de controlo percebido apresentam significância estatística. De notar que comportamento de controlo percebido emergiu nos modelos dois e três com significância estatística ao explicar a IE, embora com um efeito bastante inferior ao da atitude pessoal. Esta variável perdeu significância quando se introduziu o efeito de interação. Aduz-se, assim, que o efeito moderador do LCE na relação entre o comportamento de controlo percebido e a IE explica melhor a variância da variável dependente do que a variável considerada isoladamente. Este resultado, embora não esperado, pode ser explicado se se tiver em conta o relatório do Youth Business International (2013), que aponta como justificação para a baixa taxa do potencial empreendedor jovem a baixa perceção de oportunidades no nosso país. Logo os estudantes podem até perceber que têm capacidades para se tornarem empreendedores, mas terem dúvidas sobre se conseguem controlar as etapas até o conseguir.

A norma subjetiva não emergiu como significativa em nenhum dos modelos. Tal evidência não surpreende pois, de acordo com os resultados de diversas meta-análises, a norma subjetiva é um

preditor fraco da IE (e.g., Yurtkoru et al., 2014). Existem, porém, evidências que esta variável exerce não um efeito direto na IE mas apenas um efeito indireto (Liñán & Chen, 2009; Yurtkoru et al., 2014). Ao verificar-se esse efeito indireto, um indivíduo que perceciona alguma pressão social para adotar comportamentos empreendedores pode vir a desenvolver uma atitude pessoal face ao empreendedorismo superior, bem como uma percepção mais positiva relativa ao quão fácil é tornar-se empreendedor, evidenciando uma IE superior (Liñán & Chen, 2009; Yurtkoru et al., 2014). Neste estudo não se investiga o possível efeito indireto da norma subjetiva, mas sugere-se que se teste este efeito em trabalhos futuros.

Assumindo que o locus de controlo é um traço de personalidade que pode influenciar a IE (Ahmed et al., 2010; Ahmed et al., 2012), esta variável moderadora prova o seu impacto na IE na medida em que potencia a mesma. Porém, o papel do LCE na IE não deve ser analisado por si só, na medida que se propõe que o mesmo exerce um efeito moderador entre as variáveis independentes e a dependente (Warner, 2013). Como se pode observar na tabela 2 (modelo 4), só o efeito de interação entre o comportamento de controlo percebido e o LCE emerge como significativo. Como o sinal obtido é negativo, o declive para estimar a IE a partir do comportamento de controlo percebido torna-se mais negativo à medida que o locus de controlo aumenta. Assim, apenas é possível corroborar a hipótese H4c, levando a que a quarta hipótese apenas seja parcialmente corroborada.

Para uma melhor compreensão deste resultado analisou-se o efeito moderador do LCE na relação entre o comportamento de controlo percebido e a IE através do método gráfico (Figura 2), recorrendo aos valores habituais: (a) dois níveis de comportamento de controlo (um desvio-padrão acima da média (M+1DP) e um desvio padrão abaixo da média (M-1DP)); (b) dois níveis de LCE (M-1DP; M+1DP). Observa-se que nos estudantes com LCE baixo, quanto maior o comportamento de controlo maior a IE; nos estudantes com LCE alto, quanto maior o comportamento de controlo menor a IE. Ou de outro modo: (a) os indivíduos que têm dúvidas quanto à sua capacidade de fazer aquilo a que se propõem e, igualmente, têm a percepção de que é difícil tornar-se empreendedor são os indivíduos com mais baixa IE; (b) os indivíduos que têm dúvidas quanto à sua capacidade de fazer aquilo a que se propõem mas percecionam que é fácil tornar-se empreendedor apresentam um nível moderado a alto de IE; (c) os indivíduos que confiam na sua capacidade para implementar os planos que desenham e simultaneamente têm consciência de que é difícil ser empreendedor apresentam os mais altos níveis de IE; (d) os indivíduos que confiam na sua capacidade de implementar os planos que desenham e adicionalmente têm fraca consciência de quão difícil é ser empreendedor apresentam níveis de IE médios.

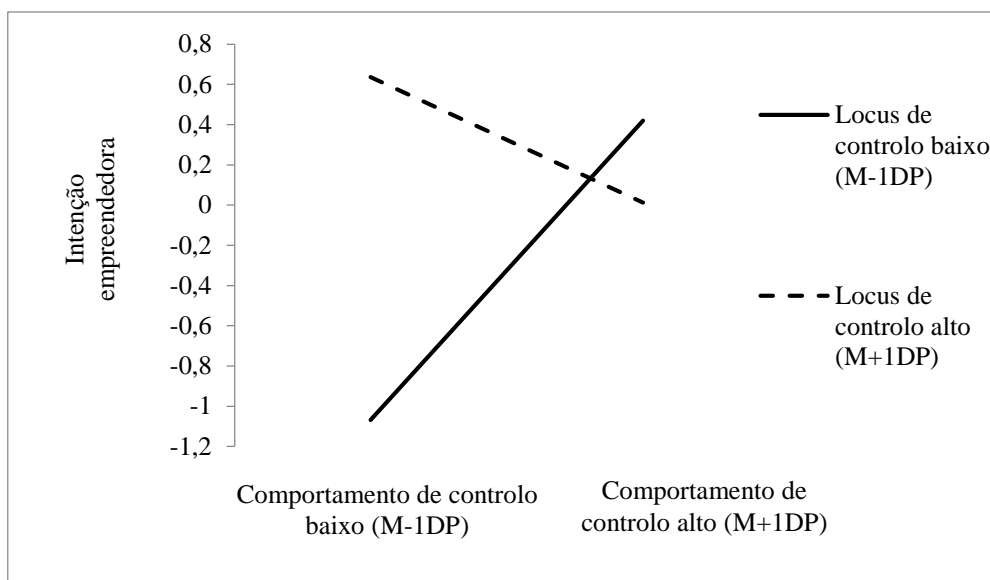


Figura 2: Efeito moderador do locus de controlo na relação entre o comportamento de controlo e a IE

5 Conclusão

O empreendedorismo, principalmente depois da crise de 2008, assumiu no léxico dos agentes económicos uma importância redobrada. Os indivíduos são chamados a criar o seu emprego como solução para a fuga ao desemprego (Virick et al., 2015). Esta realidade fundamenta a necessidade de investigação aplicada em Portugal que permita analisar variáveis antecedentes da IE.

Este estudo usou a Teoria do Comportamento Planeado (TCP) (Ajzen, 1991, 2011) modificada pela introdução da variável locus de controlo para o empreendedorismo como variável moderadora, para explicar a IE de uma amostra de estudantes do ensino superior português. O foco do estudo era também o papel moderador do LCE entre as variáveis independentes e a variável dependente, o que foi validado apenas parcialmente. Os dados sugerem o seguinte: (a) a IE dos estudantes é positivamente influenciada pela sua atitude pessoal face ao empreendedorismo; (b) o LCE modera a relação entre o comportamento de controlo percebido e a IE. Ao contrário do esperado, a existência de negócios na família e a formação em empreendedorismo não exercem influência significativa na IE dos estudantes.

Acredita-se que os resultados deste estudo podem ser utilizados nas instituições de ensino, na medida em que, ajudam a melhor definir o perfil de competências a desenvolver nos estudantes do ensino superior, para aumentar as suas IE. Considera-se que estes resultados podem alertar para a necessidade de adaptar os planos de estudos dos ciclos graduados das instituições de ensino e para a necessidade de criar um ambiente de suporte a atividades empreendedoras (e.g., assumindo o papel de intermediários na procura de fundos, uma barreira no empreendedorismo jovem). Adicionalmente, o estudo ajuda a compreender por que a relação entre as variáveis não é

sempre a mesma: estudantes com perfis distintos, nomeadamente no que concerne ao LCE, podem atuar de forma diversa.

Este estudo encerra algumas limitações, que poderão ser ultrapassadas em estudos futuros. Primeiro, outras variáveis antecedentes podem igualmente explicar a IE dos estudantes (e.g., necessidades de realização, perfil de liderança, desejo por criar o próprio emprego, Athayde, 2009; o potencial criativo dos estudantes, Hamidi, Wennberg & Berglund, 2008; percepções de autoeficácia e propensão para agir, Krueger Jr. & Brazeal, 1994; acesso a estruturas de apoio como incubadoras de empresas; acesso a financiamento). Segundo, uma amostra mais diversa tanto relativamente às características demográficas dos estudantes, quanto à instituição de ensino superior de proveniência ou à introdução de indivíduos com mais experiência profissional poderia proporcionar maior variância dos dados e uma melhor compreensão do fenómeno em estudo. Terceiro, neste estudo não foi analisado o efeito indireto que a norma subjetiva pode ter na IE e que merecerá a melhor atenção em estudos futuros. Quarto, pode revelar-se uma mais-valia a introdução de uma metodologia qualitativa para melhor compreender os antecedentes da IE e os resultados do estudo. Por último, os dados provêm apenas de uma cultura (a portuguesa) pelo que, de futuro, sugere-se que se considere dados provenientes de diversas culturas e bem como se investigue as variáveis culturais podem moderar os resultados encontrados.

6 Referências

- Abebe, M. A., Gangadharan, A. & Sutanonpaiboon, J. (2014). Perceived social support and social status as drivers of entrepreneurial career intentions between Caucasian and Mexican-American young adults. *Journal of Entrepreneurship Education*, 17, 63-81.
- Ahmed, I., Nawaz, M., Ahmad, Z., Shaukat, M., Usman, A. & Wassim-ul-Rehman. (2010). Determinants of student's entrepreneurial career intentions: evidence from business graduates. *European Journal of Social Sciences*, 15(2), 14-22.
- Ahmed, I., Ramzan, M., Riaz, S., Ishaq, H. M., Husnain, M. A. & Naveed, M. (2012). Extrinsic factors and entrepreneurial inclination: role of LOC. *International Journal of Academic Research*, 4(1), 107-111.
- Ajzen, I. (1991). The theory of planned behavior. *Organizational Behavior & Human Decision Processes*, 50(2), 179.
- Ajzen, I. (2011). The theory of planned behaviour: Reactions and reflections. *Psychology & Health*, 26(9), 1113-1127. doi: 10.1080/08870446.2011.613995
- Athayde, R. (2009). Measuring enterprise potential in young people. *Entrepreneurship: Theory & Practice*, 33(2), 481-500. doi: 10.1111/j.1540-6520.2009.00300.x
- Bae, T. J., Qian, S., Miao, C. & Fiet, J. O. (2014). The relationship between entrepreneurship education and entrepreneurial intentions: a meta-analytic review. *Entrepreneurship: Theory & Practice*, 38(2), 217-254. doi: 10.1111/etap.12095
- Bandura, A. (1997). *Self-efficacy: The Exercise of Control*. New York: Freeman.
- Bernhofer, L. & Han, Z. (2014). Contextual factors and their effects on future entrepreneurs in

- China: a comparative study of entrepreneurial intentions. *International Journal of Technology Management*, 65(1-4), 125-150. doi: 10.1504/IJTM.2014.060955
- Brandstätter, H. (2011). Personality aspects of entrepreneurship: A look at five meta-analyses. *Personality & Individual Differences*, 51(3), 222-230. doi: 10.1016/j.paid.2010.07.007
- Carr, J. C. & Sequeira, J. M. (2007). Prior family business exposure as intergenerational influence and entrepreneurial intent: A Theory of Planned Behavior approach. *Journal of Business Research*, 60(10), 1090-1098. doi: 10.1016/j.jbusres.2006.12.016
- Dinis, A., Paço, A. d., Ferreira, J., Raposo, M. & Rodrigues, R. G. (2013). Psychological characteristics and entrepreneurial intentions among secondary students. *Education + Training*, 55(8/9), 763-780. doi: 10.1108/ET-06-2013-0085
- Fayolle, A. & Gailly, B. (2015). The impact of entrepreneurship education on entrepreneurial attitudes and intention: Hysteresis and persistence. *Journal of Small Business Management*, 53(1), 75-93. doi: 10.1111/jsbm.12065
- Ferreira, J. J., Raposo, M. L., Rodrigues, R. G., Dinis, A. & Paço, A. d. (2012). A model of entrepreneurial intention. *Journal of Small Business and Enterprise Development*, 19(3), 424-440. doi: doi:10.1108/14626001211250144
- Geldhof, G. J., Malin, H., Johnson, S. K., Porter, T., Bronk, K. C., Weiner, M. B., . . . Damon, W. (2014). Entrepreneurship in young adults: Initial findings from the young entrepreneurs study. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 35(5), 410-421. doi: 10.1016/j.appdev.2014.07.003
- Hamidi, D. Y., Wennberg, K. & Berglund, H. (2008). Creativity in entrepreneurship education. *Journal of Small Business and Enterprise Development*, 15(2), 304-320.
- Hatak, I., Harms, R. & Fink, M. (2015). Age, job identification, and entrepreneurial intention. *Journal of Managerial Psychology*, 30(1), 38-53. doi: 10.1108/JMP-07-2014-0213
- Hormiga, E., Hancock, C. & Valls-Pasola, J. (2013). The relationship between employee propensity to innovate and their decision to create a company. *Management Decision*, 51(5), 938-953. doi: 10.1108/MD-08-2012-0591
- International Labour Office. (2013). Global Employment Trends for Youth 2013: A Generation at Risk Geneva. Acedido em http://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/documents/publication/wcms_212423.pdf
- Karimi, S., Biemans, H. J. A., Lans, T., Chizari, M. & Mulder, M. (2014). Effects of role models and gender on students' entrepreneurial intentions. *European Journal of Training & Development*, 38(8), 1-45.
- Krueger Jr, N. F. & Brazeal, D. V. (1994). Entrepreneurial potential and potential entrepreneurs. *Entrepreneurship: Theory & Practice*, 18(3), 91-104.
- Krueger, N. F. & Carsrud, A. L. (1993). Entrepreneurial intentions: applying the theory of planned behaviour. *Entrepreneurship and Regional Development*, 5, 315-330.
- Leutner, F., Ahmetoglu, G., Akhtar, R. & Chamorro-Premuzic, T. (2014). The relationship between the entrepreneurial personality and the Big Five personality traits. *Personality & Individual Differences*, 63, 58-63. doi: 10.1016/j.paid.2014.01.042
- Liñán, F. (2004). Intention-based models of entrepreneurship education. *Piccola Impresa/Small Business*, 2004(3), 11-35.
- Liñán, F. & Chen, Y.-W. (2009). Development and Cross-Cultural Application of a Specific Instrument to Measure Entrepreneurial Intentions. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 33(3), 593-617. doi: 10.1111/j.1540-6520.2009.00318.x

- Matthews, C. H. & Moser, S. B. (1995). Family background and gender: Implications for interest in small firm ownership. *Entrepreneurship and Regional Development*, 7(4), 365-377.
- Mortan, R. A., Ripoll, P., Carvalho, C. & Bernal, M. C. (2014). Effects of emotional intelligence on entrepreneurial intention and self-efficacy. *Efectos de la inteligencia emocional sobre la intención y la autoeficacia emprendedora.*, 30(3), 97-104. doi: 10.1016/j.rpto.2014.11.004
- Podsakoff, P. M., MacKenzie, S. B. & Podsakoff, N. P. (2003). Common method biases in behavioral research: A critical review literature and recommended remedies. *Journal of Applied Psychology*, 88(5), 879-903.
- Pordata. (2014a). Taxa de crescimento (%) do PIB e PIB per capita a preços constantes (base=2011) em Portugal Retrieved 24 de novembro de 2014, from <http://www.pordata.pt/Portugal/Taxa+de+crescimento+%28percentagem%29+do+PIB+e+PIB+per+capita+a+precos+constantes+%28base+2011%29-883>
- Pordata. (2014b). Taxa de desemprego: total e por grupo etário (%) - Portugal Retrieved 24 de novembro de 2014, from <http://www.pordata.pt/Portugal/Taxa+de+desemprego+total+e+por+grupo+etario+%28percentagem%29-553>
- Pordata. (2014c). Taxa de desemprego: total e por sexo (%) - Portugal Retrieved 24 de novembro de 2014, from <http://www.pordata.pt/Portugal/Taxa+de+desemprego+total+e+por+sexo+%28percentagem%29+%28R%29-550>
- Reynolds, P. D., Bygrave, W., Autio, E. & Hay, M. (2002). *Global Entrepreneurship Monitor. 2002 Summary Report*. Kansas City: Ewin Marion Kauffman Foundation.
- Rotter, J. B. (1954). *Social Learning and Clinical Psychology*. NY: Prentice-Hall.
- Santos, S. C., Caetano, A. & Curral, L. (2010). Atitude dos estudantes universitários face ao empreendedorismo – Como identificar o potencial empreendedor? *Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão, Out/Dez*, 2-14.
- Schjoedt, L. & Shaver, K. (2012). Development and validation of a locus of control scale for the entrepreneurship domain. *Small Business Economics*, 39(3), 713-726. doi: 10.1007/s11187-011-9357-0
- Schlaegel, C. & Koenig, M. (2014). Determinants of entrepreneurial intent: A meta-analytic test and integration of competing models. *Entrepreneurship: Theory & Practice*, 38(2), 291-332. doi: 10.1111/etap.12087
- Schumpeter, J. A. (1934). *The Theory of Economic Development*. Cambridge, MA: Harvard Press.
- Virick, M., Basu, A. & Rogers, A. (2015). Antecedents of entrepreneurial intention among laid-off individuals: A cognitive appraisal approach. *Journal of Small Business Management*, 53(2), 450-468. doi: 10.1111/jsbm.12067
- Warner, R. M. (2013). *Applied Statistics: From Bivariate Through Multivariate Techniques* (2nd ed.). Thousand Oaks: CA: SAGE Publications.
- Youth Business International. (2013). Generation Entrepreneur? The State of Global Youth Entrepreneurship: Youth Business International. Acedido em <http://www.youthbusiness.org/wp-content/uploads/2013/09/GenerationEntrepreneur.pdf>
- Yurtkoru, E. S., Kuşçu, Z. K. & Doğanay, A. (2014). Exploring the antecedents of entrepreneurial intention on Turkish university students. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 150,

841-850. doi: 10.1016/j.sbspro.2014.09.093